



O futuro da vitivinicultura brasileira está na Campanha gaúcha, segundo agrônomos da Embrapa

Arquivo

Safra 82, a dos melhores vinhos

"Vamos apostar na recuperação econômica do País", afirma José Alberici, presidente da Cooperativa Vinícola Aurora, a maior da América Latina, responsável por 10% da produção nacional, "esperando que os bons tempos sejam comemorados por um bom vinho brasileiro!"

A safra de 1982 é aguardada com ansiedade por produtores e apreciadores: o vinho deste ano deverá ser de excepcional qualidade. Isso porque os dias quentes e as chuvas escassas nas regiões produtoras do Sul possibilitaram a desidratação natural das uvas e um aumento de seu grau glucométrico, um teor de glicose que dispensa a correção com açúcar, responsável pela maior acidez dos vinhos brasileiros.

A grande colheita gerou também um excedente capaz de possibilitar o uso do mosto de uvas concentrado no lugar dos adoçantes artificiais, responsáveis pelas críticas ao sabor de nosso vinho.

A safra de 1982 — 400 mil toneladas de uvas — será acrescida do excedente de 1981, quando uma colheita

de 370 mil toneladas deixou um estoque de 80 milhões de litros, que se somarão aos 300 milhões deste ano. A empresa estatal gaúcha Vinosul comprou 10% desta safra, usando sua capacidade de estocagem de 5 milhões de litros e arrendando outros 30 milhões em outras cantinas, para guardar o mosto que será usado para tornar melhor o vinho brasileiro.

"Vamos ter uma qualidade muito boa, quem provar verá", diz um dos diretores da Vinosul, Raul Vigorelli, que aposta num aumento do consumo. Afinal, o Brasil consome apenas 2 litros anuais per capita, enquanto o argentino toma 60 litros.

Uma campanha institucional, conta Alberici, deverá ser lançada em meados de junho, promovendo um maior consumo de vinhos no inverno, período anual de aumento de vendas.

"Vamos procurar desvincular a imagem do vinho ligado a toalhas brancas, copos de cristal e momentos especiais e popularizar o uso menos sofisticado do produto. Afinal, o vinho acompanha churrascos, violões de jovens

nos campings, reuniões de operários ao fim da tarde", explica Alberici.

A tendência será ressaltar aspectos populares do produto, diz ele. Neste ano, sua cooperativa, a Aurora, deverá lançar duas novas marcas: Frei Damião e Cosme e Damião, visando amplas faixas de demanda. Serão cinco milhões de litros desses novos vinhos, o primeiro do tipo seco e o outro licoroso.

Outra vinícola, a Dreher, não programa novos lançamentos este ano. Todo esforço será concentrado na comercialização dos antigos produtos, agora com sabor favorecido com a correção do mosto concentrado. "Na lista dos vinhos tipo francês, brancos e cortados, a grande promessa deste ano, já que os alemães estão com o mercado conquistado e estabilizado, temos o Le Jon e o Castel Chatelet, que estão fazendo sucesso. Por isso vamos nos concentrar nesta nova tendência", garante o vice-presidente da Heublein do Brasil, que controla a Dreher, Paulo Bastos.

Todos os esforços das vinícolas nacionais estão con-

centrados na recuperação do mercado. No ano passado foram comercializados apenas 178 milhões de litros, contra 1211.981 milhões, em 1980. E as exportações não atingiram nem 5%, pois o mercado africano, recém-aberto, sofreu a concorrência de excedentes da produção alemã, francesa e espanhola, que levam vantagem no custo do transporte e tradição das marcas.

Em compensação, os vinhos do Sul do continente americano, importados pelo Brasil, reduziram sua pressão no mercado interno. Segundo a União dos Vitivinicultores do Brasil, as importações do Chile, Uruguai e Argentina, que somaram mais de 3,6 milhões de litros em 1980, foram reduzidas em mais de 40% no ano passado. Apenas os vinhos europeus, totalizando 2,7 milhões de litros anuais, não sofreram declínio em suas vendas. Este ano porém, os produtores prometem que os consumidores mais sofisticados, apreciadores das castas europeias, terão oportunidades de comparar o produto importado com um nacional da mais alta qualidade.